

MUITOS JEITOS DE SER QUEM SOMOS: relato de experiência em oficina sobre identidade, gênero e sexualidade com adolescentes

Mônica Schoefer Dessbesell¹
Alexa Fagundes dos Santos²

Instituição: Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul –
UNIJUÍ

Modalidade: Relato de Experiência

Eixo Temático: Direitos Humanos

Introdução

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2025), a adolescência é uma fase singular do desenvolvimento humano, marcada por rápido crescimento físico, cognitivo e psicossocial, que influencia sentimentos, pensamentos, decisões e interações sociais. Nesse período, ocorre o desenvolvimento da identidade, da autonomia e dos relacionamentos, além de transformações físicas e hormonais próprias da puberdade, momento em que os adolescentes constroem referências pessoais e sociais que impactarão a vida adulta.

Gênero e sexualidade constituem dimensões centrais da identidade humana, influenciando como os indivíduos se relacionam e se posicionam no mundo. No contexto escolar, a abordagem dessas temáticas é essencial para promover compreensão, respeito à diversidade e desconstrução de estereótipos e preconceitos, contribuindo para relações mais igualitárias e para o fortalecimento da autoestima dos estudantes.

No Ensino Fundamental, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018), por meio da habilidade EF08CI11, orienta que os estudantes sejam capazes de selecionar argumentos que evidenciem as múltiplas dimensões da sexualidade humana – biológica, sociocultural, afetiva e ética –, incorporando reflexões sobre valores, empatia e responsabilidade nas relações interpessoais. Apesar dessas diretrizes, ainda é comum que o ambiente escolar reproduza silêncios e preconceitos em relação à sexualidade, evidenciando, para além do aspecto reprodutivo, a necessidade de espaços de diálogo que favoreçam escuta e respeito às diferenças.

Assim, espera-se que, ao final do Ensino Fundamental, os estudantes desenvolvam condições de compreender o funcionamento do corpo, interpretar as mudanças próprias da

¹ Professora de Ciências da Natureza e Mestranda em Educação nas Ciências (PPGEC/UNIJUÍ); monica.dessbesell@sou.unijui.edu.br

² Psicóloga e Mestranda em Educação nas Ciências (PPGEC/UNIJUÍ); alexa.santos@sou.unijui.edu.br

adolescência e reconhecer suas implicações para a autoestima e a segurança pessoal. Além disso, devem ser capazes de realizar escolhas que expressem autocuidado e respeito ao outro, considerando, como aponta o documento, “[...] [o] cuidado integral à saúde física, mental, sexual e reprodutiva” (Brasil, 2018, p. 327).

Essas diretrizes são reafirmadas por políticas locais que procuram traduzi-las em práticas pedagógicas, como o programa “Geração Consciente: o cuidado transforma” (Rio Grande do Sul, 2025), iniciativa do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, executada de forma intersetorial pelas Secretarias de Educação, Saúde e Assistência Social. O programa visa promover a saúde integral de adolescentes e jovens matriculados em escolas públicas por meio de ações educativas voltadas à promoção da cidadania, à prevenção da violência e ao fortalecimento de vínculos sociais positivos. A proposta utiliza uma abordagem dialógica, informal e interativa, em formato de jogo cultural e educativo, para tratar de temáticas como emoções e sentimentos; identidade; gênero e sexualidade; estigma, discriminação e violência; saúde sexual e reprodutiva; uso abusivo de álcool e outras drogas; e perspectivas de futuro.

Foi nesse cenário que se inseriu a oficina “Muitos jeitos de ser quem somos”³, concebida e realizada por uma professora e uma psicóloga, articulando educação e saúde mental a partir das diretrizes do eixo “Prevenção Combinada, Direitos Sexuais e Reprodutivos” do referido programa. Diante disso, este relato de experiência objetiva descrever e analisar a implementação dessa oficina, que buscou oportunizar momentos de diálogo para que adolescentes do 8º ano, concluindo os estudos sobre sexualidade humana na disciplina de Ciências da Natureza, pudessem refletir de forma crítica e acolhedora sobre identidade, gênero e sexualidade. Objetivou-se, ainda, promover a desconstrução de estereótipos e preconceitos, favorecendo o respeito às diferenças, a construção de relações mais igualitárias e a participação ativa dos estudantes.

Procedimentos Metodológicos

Atendendo a uma solicitação da escola e em consonância com as ações propostas pelo Programa Geração Consciente, foi organizada a oficina “Muitos jeitos de ser quem somos”, a fim de atender às demandas identificadas pela professora de Ciências da Natureza no trabalho com a temática da sexualidade. A atividade foi desenvolvida com duas turmas de 8º ano do Ensino Fundamental (12–14 anos) de uma escola municipal da região noroeste do estado do Rio Grande do Sul, com duração de 100 minutos (2 períodos de 50 minutos).

A estrutura metodológica organizou-se em seis etapas: (1) **Acolhida e apresentação:** contextualização do tema e estabelecimento de combinados para um espaço seguro; (2) **Roda inicial “Quem sou eu?”:** dinâmica de autopercepção com compartilhamento voluntário de palavras definidoras; (3) **Fala teórica:** explanação dialógica

³ O nome da oficina foi inspirado na cartilha “Identidade, gênero e sexualidade: muitos jeitos de ser quem somos”, do eixo “Prevenção Combinada, Direitos Sexuais e Reprodutivos” do Programa “Geração Consciente: o cuidado transforma”.



sobre conceitos-chave (gênero como construção social, sexualidade, identidade de gênero, orientação sexual); (4) **Dinâmica “Coisa de homem? Coisa de mulher?”**: atividade prática com cartaz binário para colagem de frases estereotipadas, seguida de reflexão crítica; (5) **Discussão sobre discursos fóbicos**: análise de frases preconceituosas cotidianas e construção coletiva de estratégias de enfrentamento; (6) **Encerramento**: síntese das reflexões, definição de compromissos práticos e orientação sobre redes de apoio.

A coleta de dados ocorreu por meio de observações diretas e percepções subjetivas das mediadoras. Nesse processo, a professora atuou no fortalecimento de vínculos e na logística da atividade, enquanto a psicóloga conduziu as discussões, trazendo provocações reflexivas e mediando conflitos.

Resultados e Discussões

A oficina possibilitou a observação de diferentes reações e aprendizagens por parte dos adolescentes participantes, revelando tanto resistências iniciais quanto abertura para reflexões mais profundas sobre identidade, gênero e sexualidade. A análise buscou evidenciar como as atividades favoreceram a desconstrução de estereótipos, o enfrentamento de discursos preconceituosos e a valorização da diversidade, articulando a experiência vivida em sala de aula com referenciais teóricos e diretrizes educacionais, em especial as orientações da BNCC e do Programa Geração Consciente.

Nos primeiros momentos da oficina, observaram-se reações como timidez, curiosidade e até mesmo desinteresse. A dinâmica inicial “Quem sou eu?”, que propunha uma roda de apresentação, encontrou resistência e silêncio. Apesar da insistência da facilitadora e da professora, poucos se manifestaram, apenas demonstrando curiosidade sobre a atividade. Um aluno chegou a afirmar que já estava “cansado de falar sobre esse assunto”, o que evidenciou uma percepção superficial de familiaridade com o tema e, ao mesmo tempo, sinalizou a necessidade de criar um ambiente mais seguro e instigante para abordar temas ainda tratados como tabus.

Para romper a barreira inicial, foram introduzidas questões sobre estereótipos de gênero, trazendo à tona falas problemáticas comuns no contexto regional. Ao conceituar gênero como construção social e adentrar na sexualidade com termos cotidianos, as reações dos estudantes tornaram-se mais intensas, mesclando risadas e desconforto que, gradualmente, deram lugar a uma interação mais descontraída. Com apoio da professora, que contextualizou o uso desses termos pelos alunos, aprofundou-se a discussão com base em Freud (1905[1996]) e Vygotsky (1991), reforçando a sexualidade como constitutiva do sujeito.

Na dinâmica “Coisa de Homem? Coisa de Mulher?”, os alunos debateram cartões com expressões estereotipadas, gerando um ambiente descrito como uma “baderna controlada”, marcado por intensa discussão e constrangimentos, especialmente em torno da sexualidade. A intermediação da professora foi crucial para conduzir o processo e ganhou ainda mais relevância quando um estudante questionou espontaneamente a ausência de



identidades não-binárias na atividade. Essa intervenção abriu espaço para reforçar o objetivo central da oficina: desnaturalizar categorias rígidas e ampliar a compreensão sobre as múltiplas formas de ser.

Como resultado dessa estratégia, a facilitadora propôs inverter os títulos das colunas, provocando reflexões com questionamentos como “Chorar pode ser coisa de homem?” e “Ser líder, coisa de mulher?”. Essa intervenção catalisou discussões sobre como os estereótipos limitam experiências e oportunidades, evidenciando tanto a abertura da nova geração quanto a persistência de preconceitos enraizados. A partir dessa troca, os estudantes puderam reconhecer que os rótulos atribuídos a homens e mulheres são construções sociais e não características naturais.

Do ponto de vista da professora, a oficina foi fundamental para esclarecer dúvidas recorrentes em sala de aula, cujas respostas demandavam um conhecimento especializado que ela não possui. A atuação de uma facilitadora externa foi avaliada como extremamente positiva, por trazer fundamentação teórica, diversificar as estratégias de abordagem e criar um ambiente menos hierárquico, o que favoreceu o engajamento e quebrou resistências dos estudantes. Embora não tenha observado mudanças imediatas de atitude, a docente destacou o potencial da atividade para naturalizar, progressivamente, as discussões sobre identidade, gênero e sexualidade no espaço escolar e no cotidiano dos jovens. Dessa forma, ela reconheceu a ação como um valioso apoio à prática pedagógica, alinhando-se às diretrizes da BNCC para o respeito à diversidade e promoção de uma convivência ética, reafirmando o papel da escola na construção de práticas inclusivas de combate à discriminação.

Do ponto de vista da psicóloga, a condução das discussões, as provocações reflexivas e a intermediação de conflitos foram estratégias essenciais para estimular o engajamento dos estudantes e a reflexão crítica. A psicóloga percebeu que, à medida que as dinâmicas avançavam, os alunos começaram a questionar estereótipos, a reconhecer múltiplas formas de ser e a demonstrar maior abertura para discutir identidades diversas. A atuação mediadora permitiu equilibrar o ambiente, incentivando a participação de todos, oferecendo fundamentação teórica e criando um espaço seguro para o diálogo, mesmo diante de resistências iniciais. No entanto, os alunos ainda demonstram um preconceito que é ensinado socioculturalmente. É algo que, em uma oficina, não será findado, mas que deu início a um processo de conscientização.

A atividade reforçou a importância de compromissos práticos com o respeito à diversidade, destacando que a desconstrução de estereótipos requer espaços dialógicos contínuos, mediações intencionais e o apoio institucional da escola, em consonância com a BNCC e com o eixo “Prevenção Combinada, Direitos Sexuais e Reprodutivos” do Programa Geração Consciente. Destaca-se, nesta prática, a valorização do trabalho interdisciplinar, o fortalecimento de vínculos entre escola e políticas públicas de saúde, e a criação de espaços de diálogo que ampliem a participação estudantil. Nesse sentido, a oficina demonstrou que ações planejadas e colaborativas têm potencial para transformar o ambiente escolar em um espaço mais inclusivo, acolhedor e alinhado aos princípios da educação para a diversidade.



Conclusão

A oficina “Muitos jeitos de ser quem somos” cumpriu seu objetivo de criar um espaço dialógico e acolhedor para reflexão crítica sobre identidade, gênero e sexualidade com adolescentes. Superadas as resistências iniciais por meio de estratégias mediadas, os estudantes engajaram-se em debates, questionaram estereótipos e demonstraram abertura para compreender a diversidade como um valor social. A intervenção direta da psicóloga, atuando em parceria com a professora, mostrou-se eficaz para superar barreiras hierárquicas e fornecer a fundamentação teórica necessária para um tratamento não preconceituoso do tema, respondendo a uma demanda educacional e social urgente.

A pergunta espontânea sobre identidades não-binárias e o engajamento na dinâmica de inversão de estereótipos são indicativos potentes de que os estudantes começaram a desnaturalizar categorias rígidas e a ampliar seu repertório sobre as múltiplas formas de ser. Os resultados reforçam que a transformação de preconceitos é um processo contínuo, evidenciando a necessidade de continuidade e ampliação de ações dessa natureza ao longo da vida escolar. Por fim, este relato evidencia a potência da interdisciplinaridade entre Psicologia e Educação na promoção de diálogos críticos e na construção de repertórios de respeito, mostrando que a articulação de diretrizes curriculares, políticas públicas e saberes especializados contribui para a construção de uma escola verdadeiramente acolhedora, inclusiva e formadora de cidadãos éticos.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília, 2018.

FREUD, Sigmund. **Um caso de histeria, três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)**. (Edição Stantard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume 7). Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Saúde do adolescente**. 2025. Disponível em: https://www.who.int/health-topics/adolescent-health#tab=tab_1. Acesso em: 14 ago. 2025.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Saúde. Secretaria da Educação. **Regulamento do programa geração consciente 2025: o cuidado transforma**. Porto Alegre, 2025. Disponível em: <https://atencaprimaria.rs.gov.br/geracao-consciente>. Acesso: em 19 ago. 2025.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A Formação social da mente**. Tradução de José Cipolla Neto, Luis S. M. Barreto, Solange C. Afeche. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.